
CLÓVIS MOURA REVISITADO: ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA DA OBRA “QUILOMBOS. RESISTÊNCIA AO ESCRAVISMO”

Janailson Macêdo Luiz
Universidade Estadual da Paraíba
janailsonmacedo@hotmail.com

Introdução

Clóvis Steiger de Assis Moura (1925-2003) foi um dos principais intelectuais brasileiros do século XX. Através de suas obras, onde foram explicitados de modo pungente alguns dos principais problemas crônicos da nação brasileira, o nosso país pôde conhecer melhor a si mesmo, por meio de uma visão crítica e de uma análise aprofundada de sua História.

Moura, que possuía uma formação multifacetada, não dissociava a atividade intelectual da práxis enquanto cidadão, embora, segundo afirmou por diversas vezes, a todo o momento se esforçasse para não deixar suas opiniões pessoais contaminarem suas análises sócio-históricas, o que faria decair o rigor científico e a isenção de suas investigações.

Sociólogo, historiador, cientista social, jornalista, militante, professor “notório saber” da Universidade de São Paulo (USP)... foram muitos os “lugares sociais” (CERTEAU, 2007) ocupados por Clóvis Moura no decorrer de sua trajetória intelectual, que teve como principal marca, o estudo, por cerca de cinquenta anos consecutivos, da escravidão negra no Brasil e da situação dos negros brasileiros no período pós-abolição, ou, nas palavras de um dos analistas de sua obra, da “saga heróica do negro-escravo e do negro-quase-cidadão na sociedade nacional” (PEREIRA, 2004, p. 312).

Entre seu principal estudo, o clássico ensaio histórico intitulado “Rebeliões na Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas”, de 1959, e seu último trabalho, o “Dicionário da escravidão negra no Brasil”, de 2003, Clóvis Moura produziu inúmeras análises que variavam entre produções de grande fôlego e escrituras mais sintéticas, destinadas ao público leigo.

No entanto, suas atuações intelectuais não se limitaram ao campo da pesquisa histórica e sociológica, tendo também como eixo norteador a atuação política. Intelectual-militante, Moura participou, por exemplo, da contraposição ideológica à ditadura militar no Brasil, esteve envolvido diretamente com a militância negra, sobretudo no contexto de criação do

Movimento Negro Unificado (MNU), na década de 1980, e participou ativamente das discussões relacionadas à elaboração da Constituição Brasileira de 1988.



Clóvis Steiger de Assis Moura (1925-2003) em seu escritório em 1961.

Iconografia I: Clóvis Moura em Seu Escritório em 1961.

Tal trajetória já justificaria por si só uma revisitação a obra desse pesquisador e militante. No entanto, empreender uma “nova visita” às produções de Moura torna-se também importante devido ao atual contexto que atravessa os espaços intra e extra-acadêmicos, onde, nos últimos anos, vêm se resignificando as discussões sobre a chamada “História e Cultura afro-brasileira”, que engloba temáticas amplamente discutidas por Moura; discussões essas elaboradas por meio de um pioneirismo que se, por um lado, não se fez presente no que se refere aos temas, por outro, e inversamente, tornou-se operante no que tange à perspectiva crítica com que foi executado.

Contudo, e apesar desta ampliação, a obra de Clóvis Moura tem sido muito pouco revista na atualidade nas discussões acadêmicas e sociais como um todo, o que em muitos casos ocorre, simplesmente, devido a uma certa ojeriza à postura teórico-metodológica que norteou as interpretações daquele autor: o marxismo clássico.

Nesse sentido, atualmente, muitos pesquisadores, sobretudo os mais jovens, debruçam-se sobre a chamada “nova historiografia da escravidão”, sem, no entanto, procurar conhecer profundamente o que diz a historiografia que antecedeu e deu sustento a essa perspectiva contemporânea de análise.

Considerando que as reflexões elaboradas por Moura devem ser interpretadas e compreendidas de acordo com os momentos históricos nos quais foram produzidas e de acordo com os lugares sociais e epistemológicos assumidos por seu autor, sem que isso signifique uma mera positivação ou negativização, preconcebida, do que é nelas exposto,

propomo-nos a nos debruçar sobre uma obra específica e ainda pouco estudada desse intelectual, que sintetiza boa parte de suas principais teses: o livro “Quilombos - Resistência ao escravismo”. Com base na “operação historiográfica” certeuniana, principalmente no que se refere às análises dos procedimentos *da prática, da escrita e do lugar social*, faremos um breve sobrevôo sobre esta obra de cunho sintético e didático, lançada em 1987 na conhecida série “princípios”, da editora “Ática”.

Da Prática e Da Escrita

A “série princípios”, grande sucesso editorial nas décadas de 1980 e 1990, tinha como objetivos centrais trazer para o público brasileiro centenas de títulos de curta duração, que abordassem temas diversificados e amplamente relevantes para a cultura nacional e global. Estes livros eram produzidos por especialistas das mais diversas áreas do conhecimento e tinham como público alvo os cidadãos de modo geral e, principalmente, os professores da educação básica e os estudantes universitários.

Para o livro nº 106 desta coleção foi convidado o então renomado sociólogo, professor da USP e presidente do Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas, Clóvis Moura. Seu livro, que trataria da temática central de sua carreira, a resistência escrava no Brasil através da formação dos quilombos, foi lançado um ano antes de ser completado o centenário da abolição da escravatura (1988-1988), momento no qual estavam cada vez mais se ampliando os debates referentes à histórica marginalização dos negros no cerne da sociedade brasileira.

Talvez por isso, tendo em vista a relevância deste tema para a sociedade e a possibilidade do livro ser um grande sucesso editorial, a “Editora Ática” resolveu convocar Clovis Moura para contribuir com uma obra para a sua coleção, na qual iriam ser difundidas as abordagens discutidas mais densamente por Moura no clássico “Rebeliões na Senzala”, obra que o consagrou.

“Quilombos: Resistência ao escravismo” foi escrito num linguajar ao mesmo tempo acessível aos leitores leigos e preciso quanto à utilização de conceitos acadêmicos. O livro está dividido em seis capítulos, que foram somados a um vocabulário crítico e uma bibliografia comentada, presentes em todas as obras da coleção “princípios”.

Um ponto recorrente na maioria das obras de Clóvis Moura, presente em “Quilombos: Resistência ao escravismo”, é o contraponto, ora explícito ora subentendido, feito a Gilberto Freyre e ao chamado mito da democracia racial, no qual é apregoada a visão de que o Brasil é

um país onde o pré-conceito racial não existe e que os laços sociais entre senhores e escravos, na época da escravidão, eram pautados pela harmonia e cordialidade. Na visão de Moura, a Casa Grande e a Senzala estavam a todo o momento em conflito e não em estado de concordância. Sobre esta concepção de Moura, Rocha (2008, p. 33), apresenta o seguinte posicionamento:

Interessante destacar que Moura, ao produzir seus estudos, estava dialogando com a produção inaugurada por Freyre. Procurava rebater as interpretações freyreanas, como a que classificava as relações entre negros e brancos no Brasil de “dóceis” e harmoniosas, destacando, em contraponto, o conflito racial permanente dos escravizados contra o sistema numa sociedade em que os “negros-mestiços” (ou seja, as mulheres e os homens/pardos/mulatos) tinham abertura para ascender socialmente, pois eram a “esperança” do branqueamento de uma sociedade que pretendia civilizar-se com base nos padrões europeus.

Moura vai buscar na sua concepção teórica, marxista, e, principalmente, nas fontes utilizadas, formas de se contrapor a visão até então hegemônica no país, que para ele representava uma espécie de *ideologia da democracia racial*, que deveria ser desmascarada, pois servia para *alienar* a população brasileira. Deste modo, ele se debruçou sobre a História para tentar fazer este desmascaramento ideológico, tão necessário num contexto onde os militares e a extrema-direita estavam no poder no país.

Esta postura pessoal e intelectual de Moura, com relação ao momento em que realizava a sua produção, aparece de maneira sub-reptícia no livro “Quilombos: resistência ao escravismo”. Assim, na dedicatória, Moura (1987, p. 2) oferece sua mais nova produção “À memória dos amigos tão presentes, Heron de Alencar e Darwin Brandão, quilombolas contra a opressão”. O que mostra claramente o diálogo ininterrupto entre passado, presente e futuro na obra desse autor.

Como referências para a elaboração da obra aqui analisada, Clóvis Moura se utiliza de muitos autores, de vários locais do país e de outras nações, variando entre estudiosos renomados e outros menos conhecidos. Ele mostra uma erudição e um conhecimento do seu tema de estudo capazes de impressionar bastante os leitores, ainda mais se tratando de uma obra curta e de cunho sintético. Alguns dos autores por ele utilizados foram: Décio Freitas, Édison Carneiro, Richard Prince, Lana Lage da Gama Lima, Jean Fouchard, Luiz Luna, entre outros.

Um fato interessante é que Moura não cita na obra os teóricos do marxismo, como Marx, Engels, Lênin, Gramsci e outros. Deste modo, não nos apresenta, nem mesmo nas referências bibliográficas, os suportes teórico-metodológicos do seu marxismo, talvez por se

tratar de uma discussão amplamente difundida na época e também por se tratar de uma obra de cunho didático, sem muito aprofundamento teórico.

Os principais conceitos trabalhados por Clóvis Moura nesta obra são: “resistência”, “escravismo”, “estruturas”, “modo de produção”, “diáspora negra”, “contradição” (dialética), “forças produtivas”, “classe”, “lutas de classes”, “dominantes e dominados”, etc. Em suma, tratam-se de conceitos presentes no cerne da epistemologia marxista, nos debates historiográficos referentes ao escravismo e nas abordagens étnico-raciais em todo o mundo, como o conceito de “diáspora”.

Discussão do contexto

O livro se baseia em algumas teses gerais e em outras mais específicas defendidas por Moura desde a década de 1950. Uma delas é que, ao contrário do que era apregoado pela historiografia tradicional, os quilombos não se constituíam como elementos isolados da sociedade brasileira na época da Colônia e do Império, pois os quilombolas mantinham vários tipos de articulações e modos de comunicação com vários setores da sociedade brasileira da época e, até mesmo, com agentes internacionais.

Essas formas de interação e comunicação eram utilizadas para facilitar o comércio dos produtos, em sua maioria agrícolas, produzidos nos quilombos, bem como a compra de armamentos que permitissem aos quilombolas enfrentarem os seus repressores. Todavia, além disso, também ocorria a circulação de notícias, como, por exemplo, a popularização da revolução de São Domingos no Haiti (1791), onde os escravos tomaram o controle do país, sobrepondo-se aos colonizadores.

Os escravocratas, os representantes da coroa portuguesa e, até mesmo, os portugueses das classes subalternas que habitavam na Colônia, viviam sob o temor da experiência haitiana ser reproduzida no Brasil, o que poderia representar uma experiência bem mais dramática, dada a vastidão do território e a grande quantidade de escravos que o habitavam, em detrimento da pequena quantidade de colonos.

Outra tese apresentada é a continuidade histórica dos quilombos, na qual é posta que os “mocambos” não foram meras formações efêmeras, pois surgiram em todos os momentos da escravidão negra moderna, no Brasil e em outras partes do mundo. Nesse sentido, os quilombos emergiram em todos os espaços do vasto território brasileiro durante os quase quatrocentos anos de escravidão. De acordo com Moura:

Onde quer que o trabalho escravo se estratificasse, surgia o quilombo ou mocambo de negros fugidos, oferecendo resistência, lutando, desgastando em diversos níveis as forças produtivas escravistas, quer pela sua ação militar, quer pelo rapto de escravos nas fazendas, fato que constituía, do ponto de vista econômico, subtração compulsória das forças produtivas da classe senhorial. (1987, p. 14).

Assim, no Brasil, o fenômeno da quilombagem não ficou restrito a algumas regiões, tornando-se presente em todo o território nacional, em todos os espaços onde existisse a escravidão negra. Além disso, durante toda a história da escravidão negra em terras brasileiras ocorreu a formação de quilombos. Essas duas constatações de Moura, apoiadas em diversas pesquisas sobre formações quilombolas em todo o território nacional, afastam um pouco as abordagens sobre os quilombos de certa linha de estudos que tende a estar centrado apenas no caso do Quilombo dos Palmares.



Iconografia II: Clóvis Moura em sua biblioteca.

Assim, e aqui chegamos a tese central defendida pelo autor, a sociedade brasileira da época da Colônia e do Império, que legitimava a escravidão, estaria dividida em duas classes antagônicas: de um lado estariam os opressores, a classe dominante, constituída pelos senhores e, do outro, estariam os oprimidos, a classe dominada, constituída pelos escravos.

Desse modo, a formação dos quilombos “representa uma forma contínua dos escravos protestarem contra o escravismo.” (1987, p. 10). Para esse autor, ocorria um jogo dialético constante no cerne da sociedade brasileira. Os senhores oprimiam os escravos, para obter cada vez mais lucro do trabalho realizado por estes, fazendo com que os escravos tivessem que resistir de alguma forma, para tentar manter o seu lado humano. Este jogo fazia com que o

sistema escravista se deteriorasse por meio de suas contradições internas, que são apontadas como uma das causas do seu fim. Nesse sentido, como já foi ressaltado os quilombos eram vistos como a forma principal de resistência dos escravos, dos oprimidos, frente à máquina opressora que os dominava.

Com isso, Clóvis Moura, que tinha uma visão estrutural da História brasileira, dava um recado indireto para os seus compatriotas da segunda metade e final do Século XX: os oprimidos (os negros e, principalmente, a classe trabalhadora) deveriam se rebelar contra o sistema capitalista, para que as contradições internas desse sistema se acelerassem, fazendo-o se desgastar e abrir brechas para a ascensão do comunismo.

Esta visão, contudo, apesar de muito fecunda, e de ter influenciado inúmeros autores e militantes em suas ações práticas, também representa o ponto mais criticado da obra de Moura, a saber: sua “concepção materialista de cunho evolucionista” (GOMES *apud* ROCHA, 2008, p. 33). Como nos mostra a já citada Rocha:

Embora a produção de Moura tenha contribuído para o conhecimento da história do negro brasileiro e para o movimento anti-racista, suas interpretações continham fortes traços ideológicos marxistas e as categorias classe e revolução foram preponderantes em suas análises, levando-o a valorizar tão-somente as pessoas negras que se colocavam abertamente contra o sistema, como os quilombolas. Dessa forma, a “grande multidão” de trabalhadores foi colocada em segundo plano e vista como colaboradora do “sistema” (2008, p. 33).

Neste sentido, baseado na concepção de *resistência* do marxismo clássico, Moura tendeu a privilegiar certa visão sobre o sistema escravista, onde eram privilegiadas apenas as resistências explícitas, minimizando, assim, outras formas de resistência dos escravos, como, por exemplo, os suicídios, a lentidão no trabalho e a busca de liberdade perante os meios legais. Estas resistências eram vistas por ele como menores ou irrelevantes, e foram citadas muito brevemente pelo autor na obra analisada.

Reis e Gomes (1996), depois de apresentarem as principais contribuições historiográficas de autores como Clóvis Moura, José Alípio Goulart e Décio Freitas, sobre a temática da resistência escrava, apresentam uma visão crítica das obras por eles produzidas, nas quais:

Não se admite um comportamento político e uma lógica de poder específicos do escravo rebelde, a partir dos quais suas ações pudessem ser analisadas. Em geral adeptos de um evolucionismo mais ou menos disfarçado, esses autores substituem a investigação dos sentidos que o próprio escravo emprestava a suas ações por uma lamentação de que ele não alcançasse o sentido da História tão bem entendido pelo historiador. (p. 13)

No entanto, apesar destas críticas, tanto Reis e Santos (1996) quanto Rocha (2009), procuraram ressaltar que Clóvis Moura não perdeu a sua importância na historiografia sobre a escravidão. Rocha chega mesmo a destacar que as leituras feitas da obra de Moura a influenciaram enquanto intelectual e militante de movimentos anti-racistas.

O posicionamento de autores como Rocha mostra que é possível a superação, de um lado, de uma concepção que busca analisar de forma acrítica a obra de um determinado autor clássico e, de outro, de uma concepção que busca deixar de lado a obra de um autor apenas por este não figurar configurado como representante do pensamento da “moda”. Desse modo, uma terceira via pode ser buscada, que, tomando o exemplo da nossa leitura sobre uma dada obra de Moura, busque realizar uma leitura crítica de um autor clássico, sem que isso signifique uma mera apologia, ao contrário, ojeriza de suas obras.

Considerações finais

A obra de Clóvis Moura tem seu lugar marcado na historiografia brasileira, principalmente na historiografia da escravidão. Longe de ser uma obra “ultrapassada”, ela ainda se mostra bastante fecunda, no sentido que representa uma das formas possíveis de se pensar a dita realidade brasileira no pré e no pós-abolição.

Mesmo que algumas das teses defendidas por Moura já tenham sido revistas, sua obra ainda representa um importante local a ser permanentemente revisitado por quem intenta analisar a formação social e histórica do Brasil, sobretudo se estiver buscando reflexões e informações sobre a situação das populações negras brasileiras.

Se, felizmente, a leitura de Clóvis Moura não é mais uma das poucas abordagens confiáveis sobre a escravidão brasileira, como ocorria no passado; se, talvez, este autor não tenha mais o mesmo impacto que tinha na época da ditadura, onde representava um dos contrapontos ideológicos ao sistema, uma fonte de informações seguras contra a alienação dos brasileiros; se, quem sabe, boa parte do que foi dito por este autor esteja sendo hoje trabalhado de modo mais complexo por autores do cunho de Reis e Gomes (1996) e Rocha (2009); mesmo assim, Clóvis Moura não perde sua importância e sua obra deve ser, antes de criticada com base em preconceitos, lida com atenção, revisitada com o espírito aberto.

Referências bibliográficas

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala**: quilombos – insurreições - guerrilhas. Rio de Janeiro: Conquista, 1972. 268 p.

_____. **Quilombos**: resistência ao escravismo. São Paulo: Ática, 1987.

PEREIRA, João Baptista Borges. **O último legado de Clóvis Moura**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 311-312. 2004.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (org.). **Liberdade por um fio**: História dos Quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ROCHA, Solange Pereira da. **Gente negra na Paraíba oitocentista**: população, família e parentesco espiritual. São Paulo: Editora UNESP, 2009.